AS INFORMAÇÕES QUE AS ADOLESCENTES APRESENTAM EM RELAÇÃO ÀS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS

Palavras-Chave: Infecções sexualmente transmissíveis; Comportamento dos adolescentes; Sífilis

Autoras:

Yohanna Maria Silva Lima [Universidade Estadual de Campinas]

Prof.ª Dr.ª Érika Zambrano (orientadora) [Universidade Estadual de Campinas]

INTRODUÇÃO:

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), diariamente mais de um milhão de pessoas adquirem Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST).[1] As IST são consideradas um problema de saúde pública e estão entre as patologias transmissíveis mais comuns, afetando a vida das pessoas em todo o mundo.[2] Ainda nesse contexto, no grupo de risco, as adolescentes e mulheres jovens configuram as populações mais vulneráveis. É importante destacar que no Brasil, a Sífilis vêm apresentando tendência de aumento na população mais jovem, de 13 a 29 anos. Assim como em muitos países, há uma reemergência da doença, que é uma infecção bacteriana sistêmica, crônica, curável e exclusiva do ser humano.[3] Tendo em vista o atual cenário, esta pesquisa pretende reportar as informações que este público tem em relação às infecções em geral e a sífilis em especial, que tem aumentado entre os jovens e representa um grande risco para a saúde da população.

OBJETIVOS:

- **Geral:** Investigar as informações que as adolescentes apresentam em relação à as infecções sexualmente transmissíveis
- **Específicos:**
- Avaliar o conhecimento "auto relatada" das Infecções Sexualmente Transmissíveis entre as adolescentes;
- Descrever os fatores de risco para Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs);
- Descrever os fatores de risco para sífilis;
- Descrever o nível de informação que as adolescentes apresentam em relação a sífilis.

METODOLOGIA:

Trata-se de um estudo quantitativo de caráter descritivo que investigou as informações que as adolescentes apresentam em relação às ISTs, principalmente em relação à prevenção e aos fatores de risco.

O estudo foi realizado nos ambulatórios de Ginecologia de Adolescentes, Pré-Natal de Adolescente e Revisão Puerperal de Adolescentes, ambos do Centro de Atenção Integral à Mulher (CAISM), que integra o complexo hospitalar da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Todos os aspectos legais e éticos foram respeitados. Aprovação do projeto, CAAE: 62791316.9.0000.5404, 1.887.892 em 10/01/2017. Respeitando assim a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde.

Os sujeitos da pesquisa foram adolescentes (gestantes, puérperas ou nulíparas, iniciado atividade sexual ou não) com idade entre 12 e 19 anos. Apresentou-se os termos de consentimento e assentimento livre e esclarecido, que foram assinados pelas participantes da pesquisa ou representante legal. As adolescentes receberam o convite da pesquisa na sala de espera do ambulatório, e aceitando, responderam o questionário, evitando qualquer interferência ou atraso no seu atendimento. A entrevista aconteceu em sala privativa, no próprio ambulatório, apenas com o entrevistador, ou seja, a pesquisadora. Durante a coleta foi utilizado um instrumento produzido pelos próprios pesquisadores para a entrevista.

O questionário foi realizado em forma de entrevista e constou de questões abertas e fechadas sobre dados gerais, sócio demográficos, comportamento sexual e sobre informações das IST, em especial a sífilis, utilizando-se linguagem simples e de fácil entendimento. A entrevista durou cerca de 15 minutos Após a entrevista, ou seja, a finalização do estudo, o entrevistador forneceu orientações e esclarecimentos sobre eventuais dúvidas e inquietações que surgiram em relação às questões abordadas: IST e relação sexual.

Os dados coletados codificados foram armazenados anonimamente em um banco de dados com o programa Excell for Windows, criado só para essa finalidade (N=114) e foram alocados em tabelas e gráficos para a análise estatística descritiva (média, desvio-padrão; distribuição de frequência absoluta e relativa). Os cruzamentos envolvendo uma variável qualitativa e uma variável quantitativa foram realizados por meio de testes de comparação paramétricos e não paramétricos, de acordo com a distribuição dos dados. Os cruzamentos envolvendo duas variáveis quantitativas foram realizados por meio do cálculo de coeficientes de correlação e os cruzamentos entre duas variáveis qualitativas por meio de testes de associação. As perguntas abertas foram categorizadas para aplicação das análises estatísticas. O nível de significância adotado para os testes estatísticos será de 5%. Para análise estatística, foi utilizado o programa Statistical Analysis System (SAS), versão 9.4.

RESULTADOS:

A amostra foi composta por 114 adolescentes entre 12 e 19 anos, (média de 15,80 anos) e as características sociodemográficas e dados ginecológicas referidos pelas adolescentes encontram-se na Tabela 1 e Tabela 2.

Em relação à cor da pele das adolescentes, 42,98% se declararam brancas, 7,89% pretas, 48,25% pardas e 0,88% amarela. Em relação à escolaridade, 28,95% possuem ensino fundamental incompleto, 14,91% ensino fundamental completo, 33,33% ensino médio incompleto, 20,18% ensino médio completo e 2,63% ensino superior incompleto.

Com relação à ocupação, a maioria (80,53%) afirmou se estudante, 6,19% afirmou ser dor lar e 13,27% afirmou outras. A respeito da religião, 33,33% afirmaram ser católicas, 35,96% evangélica, 26,32% referiram não ter uma religião e 4,39% mencionaram outras religiões. Das adolescentes entrevistadas, 52,75% afirmaram estar em um relacionamento fixo, com média de tempo de 17,80 meses.

Tabela 1. Dados sociodemográficos e ginecológico das adolescentes (N=114). Campinas, SP, Brasil, 2022.

Variável	N	%
Cor da pele		
Branca	49	42,91
Preta	9	7,89
Parda	55	48,25
Amarela	1	0,88
Escolaridade		
EF incompleto	33	28,95
EF completo	17	14,91
EM incompleto	38	33,33
EM completo	23	20,18
ES incompleto	3	2,63
Ocupação		
Estudante	91	80,53
Do lar	7	6,19
Outra	15	13,27
Religião		
Católica	38	33,33
Evangélica	41	35,96
Não tenho	30	26,32
Outra	5	4,39
Tem relacionamento fixo		
Não	55	48,25
Sim	59	51,75

Tabela 2. Dados ginecológicos das adolescentes (N=114). Campinas, SP, Brasil, 2022

Variável	N	%
Já teve a primeira relação sexual?		
Não	42	36,84
Sim	72	63,16
Já recebeu informações sobre sexualidade?		
Não	13	11,40
Sim	101	88,60
Corrimento vaginal		
Não	79	69,30
Sim	35	30,30

Já referente aos dados ginecológicos, 72 (63,16%) das adolescentes entrevistadas já tiveram sua primeira relação sexual, sendo a média da primeira relação 14,35 anos. Do total, 88,60% afirmaram já ter recebido informações sobre sexualidade. Além disso, 25 (34,72%) adolescentes relataram ter tido relações sexuais com alguém que usava substância psicoativa (SPA) e 2 (2,78%) relatou ter tido relação por dinheiro. Sobre corrimento vaginal, 30,70% das adolescentes referem apresentar.

Referente as informações sobre o conhecimento em relação às IST's, quando perguntadas quais eram e quais não eram IST's, 22,81% afirmaram que a Gonorreia não é uma IST, 8,77% afirmaram que a sífilis não é uma IST, 33,33% mencionaram que a Hepatite B não é uma IST, 16,67% disseram que a HPV não é uma IST e 21,05% negaram que a clamídia seja uma IST. A mais reconhecida foi o HIV, onde apenas 6,14% negaram ser uma IST. Ainda, 43,86% mencionaram a candidíase como IST erroneamente.

O conhecimento sobre Sífilis, especificamente, está exposto na Tabela 3. Ao aplicarmos o questionário percebeu-se que 77 de 114 adolescentes disseram que Sífilis é uma IST, como mostrado na Tabela 3, e que 39 (34,21%) nunca ouviram falar sobre Sífilis. Apesar disso, 90 (78,95%) acreditam que

uma pessoa saudável possa transmitir a Sífilis. Referente ao tratamento, 7,89% acreditam que só a mulher é tratada, 58,77% que o casal é tratado, 9,65% afirmam que não há tratamento e 23,68% não sabem referir. Dessas adolescentes, 49 (42,98%), disseram saber que a Sífilis é transmitida de mãe para filho, enquanto que 44 (38,60%) disseram não saber e 21 (18,42%) disseram que não pode, totalizando 57,02% de todas as entrevistadas. Ainda, 16,67% referiram que a sífilis não pode causar sequelas no RN, 37,72% afirmaram que sim e 43,61% não sabiam responder à pergunta.

Tabela 3. Conhecimento das adolescentes sobre a sífilis (N=114) Campinas, SP, Brasil. 2022.

Variável	N	%
A Sífilis é uma IST?		
Sim	77	67,54
Já ouviu falar de Sífilis?		
Não	39	34,21
Uma pessoa saudável pode ter Sífilis?		
Não	6	5,26
Sim	90	78,95
Não sei	18	15,79
Tratamento		
Sim, só a mulher é tratada	9	7,89
Sim, o casal é tratado	67	58,77
Não existe	11	9,65
Não sei	27	23,68
É transmissível de mãe para filho?		
Não	21	18,42
Sim	49	42,98
Não sei	44	38,60
Pode causar alguma sequela no RN?		
Não	19	16,67
Sim	43	37,72
Não sei	52	43,61

Com relação aos métodos protetivos, 54,39% das adolescentes referiu utilizar algum. A maioria faz uso do preservativo masculino (65,08%), seguido do anticoncepcional oral (36,51%), anticoncepcional injetável (19,05%), DIU hormonal (11,11%), DIU de cobre (4,76%) e pílula do dia seguinte (3,17%). Mais da metade das adolescentes (54,17%) afirmou não ter utilizado preservativo masculino ou feminino na última relação.

DISCUSSÃO/ CONCLUSÃO

Aproximadamente metade dos casos das IST, nos EUA, são referentes aos jovens de 15 a 24 anos, mesmo que esses representem apenas um quarto dos indivíduos sexualmente ativos na população.[4] Estudos apontam que existem diversos fatores ligados ao risco para as IST nos adolescentes, tais como a primeira relação na adolescência, o comportamento sexual não protegido, a confusão com o modo de transmissão de outras infecções, os múltiplos parceiros e a falta de conhecimento pleno sobre a prevenção.[4,5,6]

No presente estudo, nota-se que a falta de informação sobre saúde sexual e a primeira relação na adolescência foram os principais fatores de risco para as IST. A maioria das adolescentes entrevistadas reconhecem o HIV como uma IST, mas, com relação às outras infecções, se mostram em dúvida, afirmando que não são IST's ou não saberem. A candidíase não é uma IST e foi referida por 43,86% como sexualmente transmissível. Um estudo no estado de São Paulo com adolescentes na pré-puberdade, identificou que o AIDS/HIV foi a única IST reconhecido por todos os participantes, enquanto que, com relação às outras IST, não havia nenhum tipo de conhecimento específico.[6] Ações educativas referentes às

informações sobre as demais IST são fundamentais para que o conhecimento acerca dessas outras infecções seja ampliado e não somente sobre o HIV.

Com relação aos métodos protetivos, observou-se que, apesar da maioria das adolescentes mencionarem o uso de algum método contraceptivo, mais da metade (54,17%) referiu não ter utilizado preservativo em sua última relação sexual. Constata-se que há uma preocupação dos jovens com a prevenção da gravidez, mas não com as IST, assim como encontrado em um estudo em uma escola, no Brasil, com adolescentes de 15 a 17 anos, que identificou que seus participantes associavam mais os métodos contraceptivos à prevenção do que com a prevenção de ISTs.[7] Outro destaque é que métodos como o Preservativo feminino e os DIUs são pouco referidos pelas adolescentes. O uso do preservativo feminino, por exemplo, se iguala ao uso da pílula do dia seguinte, um método de emergência. Já o DIU, que é o método mais eficaz indicado para os jovens, ainda assim, apresenta uma taxa de utilização baixa. Esses dados demonstram que há um déficit a respeito das informações que os jovens possuem a respeito dos contraceptivos. Seria interessante que esses métodos fossem mais valorizados e orientados pelos profissionais de saúde aos jovens para que haja maior conscientização e utilização deles.

A respeito da Sífilis, apesar de 77 (67,54%) a mencionarem como IST, mais da metade (57,02%) referiu que a infecção não pode ser transmitida de mãe para filho ou não sabem a respeito. A grande maioria (45,61%) mencionou não saber se a sífilis poderia causar alguma sequela em RNs e 19 (16,67%) referiram que não, indicando uma lacuna a respeito do conhecimento sobre a doença. Dados do Sistema de Informação de Campinas, onde o estudo foi realizado, apontam que até o mês de abril de 2022, foram notificados 107 casos de investigação de sífilis em gestantes, com 17 na faixa etária de 10 à 19 anos. Além disso, também até abril, foram notificados 94 casos de sífilis congênita no município.[8]

Portanto, a educação é imprescindível para a redução das taxas de IST's e deve como aliada, junto à saúde. É fundamental que os profissionais de saúde e educação valorizem e atuem nas orientações voltadas aos jovens, um grupo vulnerável, tratando a respeito dessas doenças, destacando suas características e ressaltando sobre a importância do uso dos métodos protetivos pra previni-las.

REFERÊNCIAS

1.World Health Organization (WHO). More than 1 million new curable sexually transmitted infections every day, 2019.
2. Brasil. Ministério da Saúde(MS). Secretaria de Vig. em Saúde. Boletim Epidemiológico Especial: Sífilis. Brasília, 2021.
3. Brasil. Ministério da Saúde(MS). Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas). Atenção Integral às pessoas com IST. 2020.
4. Petsis D et al. HIV Testing Among Adolescents With Acute Sexually Transmitted Infections. Pediatrics. 145(4), 2020.
5. Wanzeler ELF, Costa JMR, Costa ADR, et al. Conhecimento e opinião de alunos da educação básica sobre infecções sexualmente transmissíveis (IST). Revista Eletrônica Acervo Saúde. 13(2), 2021.
6. Furtado BM, Moraes SP, Brêtas JRS. As infecções sexualmente transmissíveis na perspectiva de adolescentes na pré puberdade. Revista Brasileira de Sexualidade Humana.;31(1):10-18, 2020.
7. Tamashiro LMC. Desenvolvimento de tecnologia educacional digital sobre prática sexual segura e contracepção com adolescentes [tese]. Biblioteca Digital da USP,2019.
8. Campinas. Sistema de informações em saúde – TABNET/Campinas. Investigação de Sífilis em Gestante – Sinan, 2021.